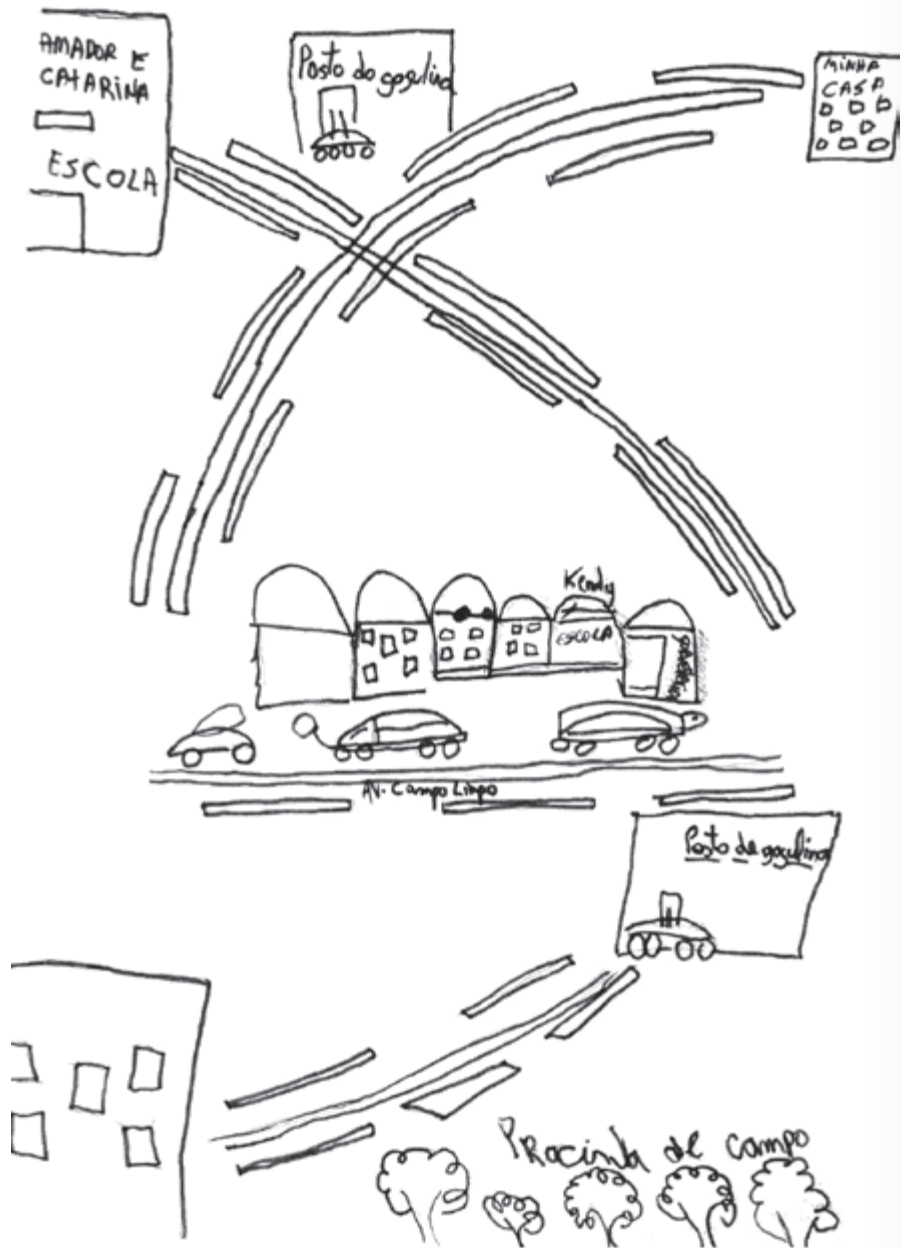




CARTOGRAFIAS DA MEMÓRIA

ORGANIZADORES:

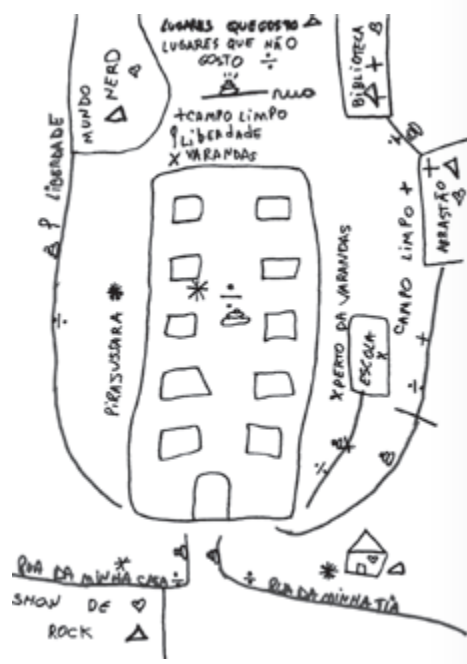
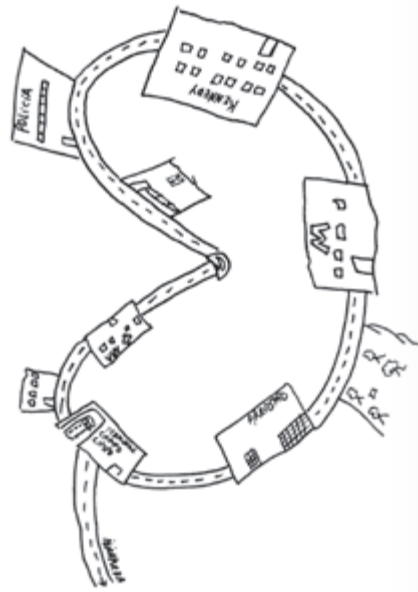
Anita Vaz
Anna Turriani
Gabriela Urbano
Isabela Lemos
Lucas Vilalta



CARTOGRAFIAS DA MEMÓRIA

ORGANIZADORES:

Anita Vaz
Anna Turriani
Gabriela Urbano
Isabela Lemos
Lucas Vilalta

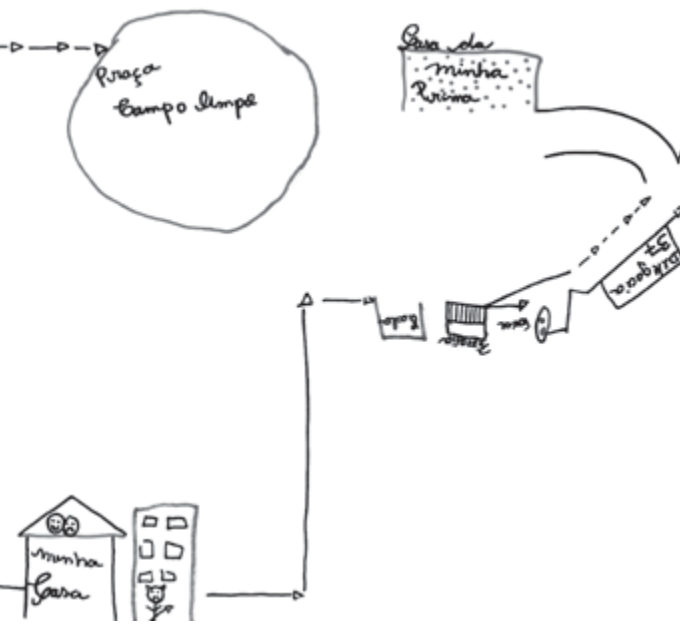


COMO USAR ESTE CADERNO

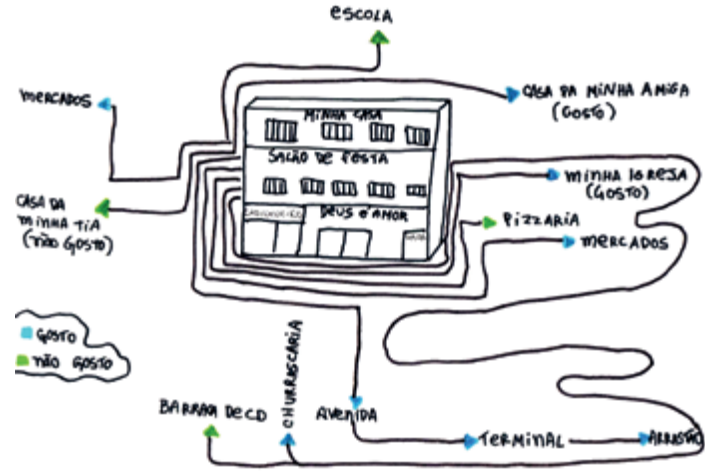
Este caderno é teu. Use-o como achar melhor. Vale observar, ler, desenhar, fazer anotações das aulas, dos seus pensamentos, dos seus sonhos. As perguntas estão aí para que você também possa escrever sobre sua história, traçar suas ruas, delinear problemas, rabiscar soluções, cartografar resistências.

Aqui habitam os mapas, palavras, memórias, afetos que vivenciamos com jovens moradores do Jardim Ângela, Jardim São Luís, Capão Redondo e Campo Limpo. Ele é um convite para que você percorra conosco os caminhos e histórias do território. **A tua história, o teu território.**

Em que outras casas você vai?
 Que estabelecimentos você frequenta?



Tem escola perto? Posto de saúde? Hospital?
 Que outros serviços públicos?



O que você menos gosta? Há algum lugar onde você não gosta de ir ou passar perto?



E áreas de lazer? E áreas verdes?
Onde você vai quando quer se divertir?



Pense em três acontecimentos que mudaram a vida em seu bairro...

- 1940/1960 — Construção represa Guarapiranga
- 2001 — Construção da Igreja
- 2003 — Construção do terminal Grajaú
- 2004/2005 — Morte do traficante
- 2005 — Começo dos Fluxos
- 2005 — Chacina no bar do Jardim Macedônia

- 2006 — Construção do AMA Vila Prel
- 2008 — Construção do Shopping Campo Limpo
- 2008/2009 — Demolição do campo de futebol dos ferreiras
- 2009 — Tio morreu com tiro

- 2013 — Morte do traficante
- 2013 — Acidente de ônibus com carro e bicicleta
- 2013 — Inauguração do campo de futebol da Cohab Adventista
- 2013 — Briga com a melhor amiga
- 2013 — Briga de duas meninas na rua
- 2013 — Acidente de carro
- 2013 — Menina atropelada no terminal
- 2013 — Grávida que levou um tiro

- 2010 — Construção do Metrô Capão Redondo
- 2010 — Morte de duas conhecidas na rua pela polícia
- 2010 — Desocupação do conjunto habitacional na região do Metrô
- 2011 — Comecei a fazer parte do Arrasta Lata (Percussão)
- 2012 — Assalto da irmã
- 2012 — Reconstrução da casa do pai

- 2014 — Construção do Sesc Campo Limpo
- 2014 — Tiroteio no Fluxo
- 2014 — Foi assaltado
- 2014 — Incêndio na padaria
- 2014 — Foi assaltado perto da delegacia
- 2014 — Um homem morreu de velhice
- 2014 — Menina morreu de overdose de lança perfume no Fluxo
- 2014 — Explosão da casa de Salgados

- 2014 — Alagamento da avenida Belmiro Marin
- 2014 — Construção da quadra da MDRESP
- 2014 — Surgimento das bocas de fumo na comunidade
- 2014 — Diminuição das mortes — ninguém mais fala sobre isso
- 2014 — Mortes por dívida
- 2014 — Ataque cardíaco de um senhor
- 2014 — Bandido fugiu da polícia
- 2014 — Homem morto na rua

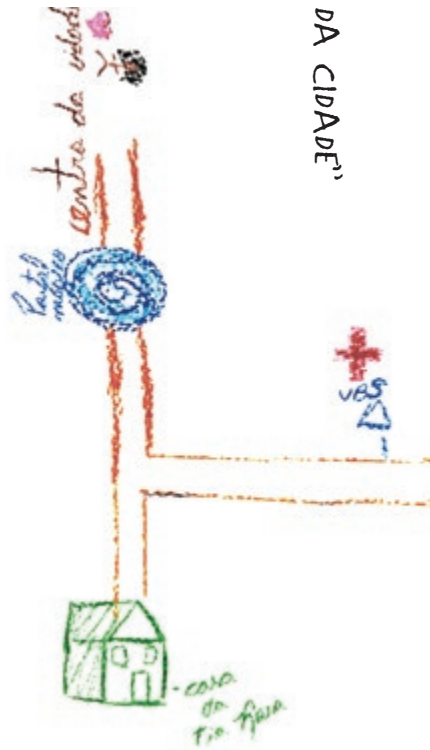
- 2015 — Vizinho morreu com 2 tiros na perna e 1 no estômago
- 2015 — Colega caiu de cima da laje
- 2015 — Festa na rua (Show dos MCs)
- 2015 — Acabou a luz o dia todo
- 2015 — Pancadão liberado
- 2015 — Asfaltamento da rua onde mora
- 2015 — Toque de recolher
- 2015 — Festa Junin

- 2015 — Apanhou de madeira na rua
- 2015 — Primo foi preso
- 2015 — Compra de tênis
- 2015 — Vizinho atropelou uma criança, um cachorro e dois adolescentes
- 2015 — Policial matou um amigo dentro da casa dele
- 2015 — Festa Junina na Igreja
- 2015 — Perseguição com ladrão no Jardim Rosana
- 2015 — Toque de recolher — ameaça de morte



"O QUE EU MENOS GOSTO NO
MEU BAIRRO É QUE ELE FEDE"

"PRA ME DIVERTIR EU VOU PRO CENTRO DA CIDADE"



"EU SÓ VOU PRA ESCOLA PRA
JOGAR FUTEBOL..."



"É BOM E RUIM NÉ...
POR ISSO A GENTE PINTOU DE AZUL E
VERMELHO. AZUL PORQUE A IDEIA DE
SAUDE É BOA MAS VERMELHO PORQUE
A ESTRUTURA DOS SERVIÇOS É RUIM!"



"AGORA, ALÉM DO FLUXO, TEM O SOCIAL"



"E O WI-FI GRATUITO É LEGAL QUANDO FUNCIONA"







"EU NÃO GOSTO DE PASSAR PELA RUA DE CIMA DA MINHA CASA..."



lugares que não gostamos

lugares de drogas e perigos

...PORQUE SOU OBRIGADA A PASSAR NO MEIO DA BIQUEIRA"



“TOMEI UMA BICUDA DA POLÍCIA NA RUA E VOLTEI MANCANDO PRA CASA.
EU TAVA SÓ VOLTANDO PRA CASA...”



“...DÁ MENOS MEDO DOS CARAS DO TRÁFICO DO QUE DA POLÍCIA!”

“VOCÊ TEM QUE ANDAR COM A NOTA
FISCAL SE COMPROU ALGUMA COISA.
SENÃO ELES ACHAM QUE É BANDIDO”

“UM CARA QUE TINHA CARA DE RACISTA
FICOU ME OLHANDO NO METRÔ.
TIVE MUITA VONTADE DE BATER NELE”

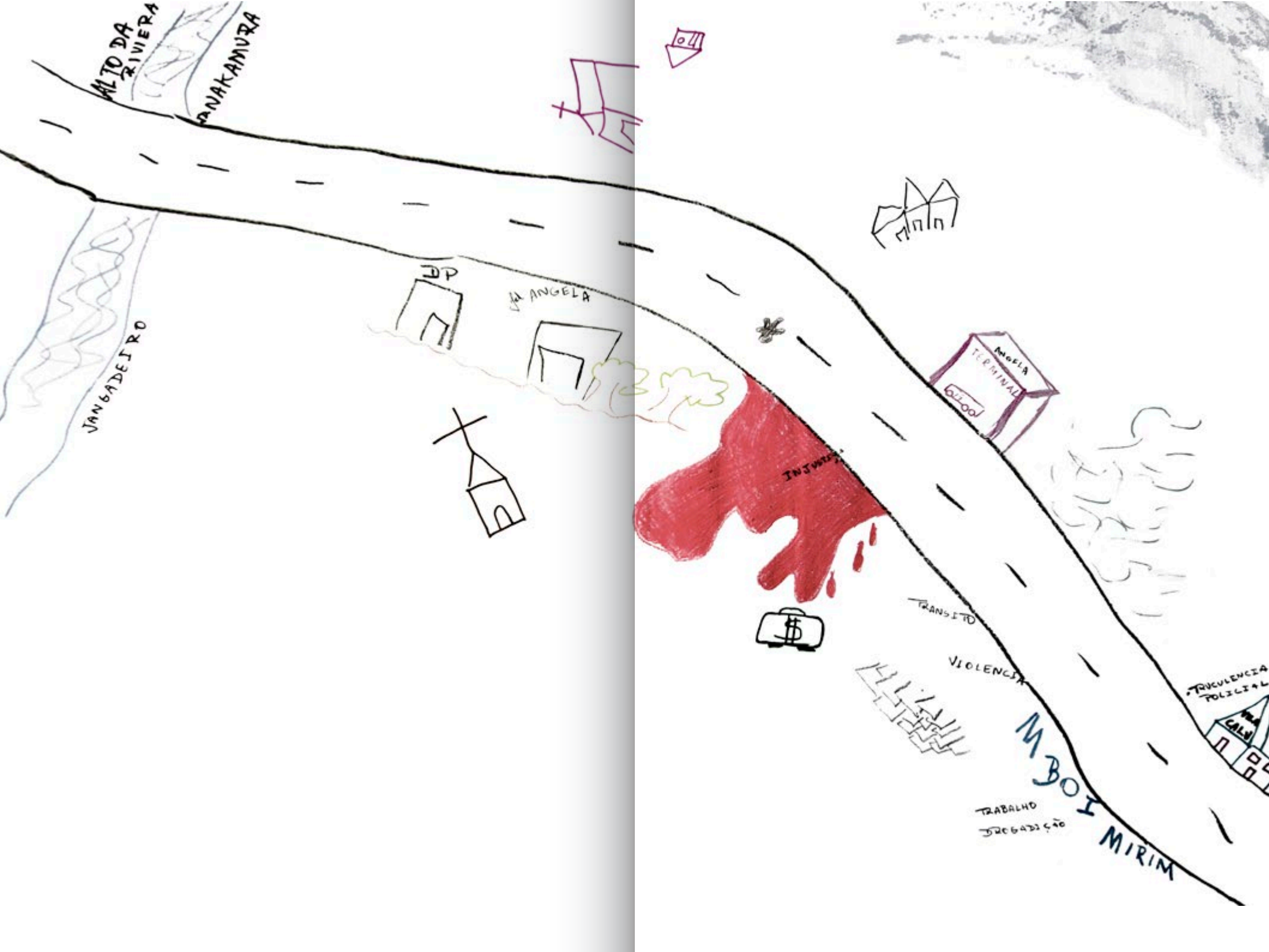
“TODO DIA TÁ TENDO TOQUE DE RECOLHER,
NÃO TEM **ALMA VIVA** NA RUA”

“SE VOCÊ FICA QUIETO, ELES DESCONFIAM.

“QUANTO MAIS VAZIA
A RUA, MAIS MEDO DÁ”

“NA DÉCADA DE 80 VOCÊ SAIA DE CASA E
TINHA SANGUE ESPARRAMADO PELO CHÃO.
HOJE EM DIA NÃO MUDDOU MUITA COISA,
ELES SÓ APRENDERAM A ESCONDER MELHOR”

SE ANDA RÁPIDO, ELES DESCONFIAM”



ALTO DA RIVIERA
SANAKAMURA

JANGADEIRO

JP

LA ANGELA

INJURIA

MADIA
TERMINAL
6000

TRANSITO

VIOLENCIA

MBOI MIRIM

TRABALHO
ORGANIZAO

TRUCULENCIA
POLICIAL

MIA CALA

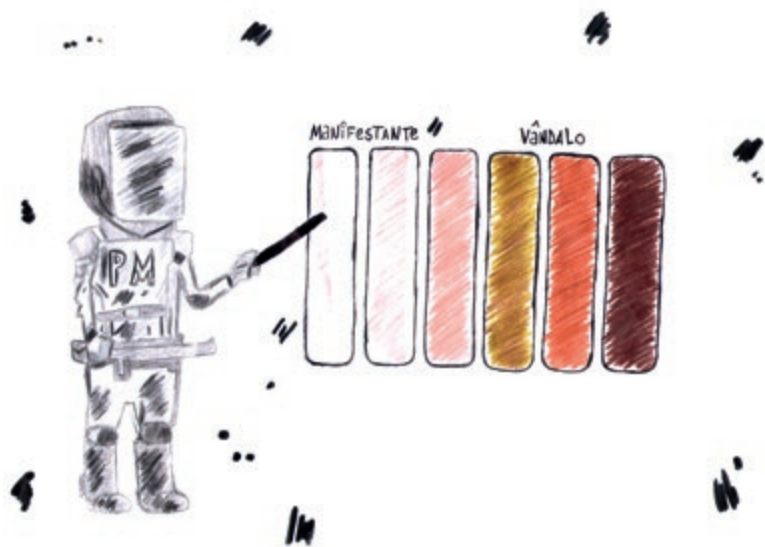
"PENSO EM CARRO DE POLÍCIA E MINHA BARRIGA DÓI"

QUEM É O SUSPEITO?



QUEM DECIDE QUAL A CARA DO SUSPEITO?





THALITA, 15 ANOS

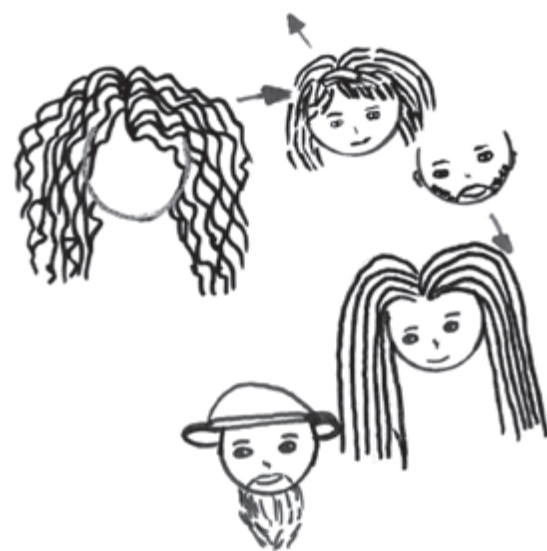
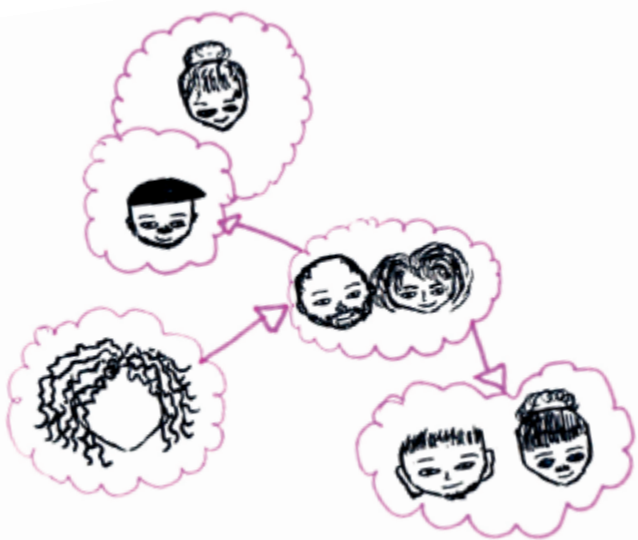
Inspiração na charge do cartunista Vitor Teixeira

QUEM CONTA NOSSA HISTÓRIA?




De onde você vem? Qual tua história?

De onde vem seus traços? Cabelo, nariz, cor de pele, boca, corpo?




Qual a história da tua família?

Como vocês chegaram até aqui?



“NUNCA SOUBE MUITO SOBRE MINHA FAMÍLIA, NUNCA TIVE CURIOSIDADE DE SABER. UM DIA NO ARRASTÃO TEVE UMA MESA DE DEBATE SOBRE RACISMO E CULTURA INDÍGENA ONDE UMA DAS PALESTRANTES, DE PELE BRANCA, DISSE QUE ERA INDÍGENA, COISA QUE EU NÃO ACHAVA SER POSSÍVEL, MAS DURANTE O DEBATE ELA EXPLICOU QUE TODA SUA FAMÍLIA POR PARTE DE MÃE TINHA ORIGEM INDÍGENA E ERA ASSIM QUE ELA SE IDENTIFICAVA...”

“DEPOIS DA ATIVIDADE DA CARTOGRAFIA DAS ORIGENS DECIDI FAZER UMA PESQUISA SOBRE AS ORIGENS DA MINHA FAMÍLIA. CONVERSEI COM MEU PAI E NÃO FOI MUITO DIFÍCIL DE DESCOBRIR QUE A FAMÍLIA DELE TAMBÉM TINHA ORIGEM INDÍGENA, MEU AVÔ INCLUSIVE AINDA PRESERVAVA MUITO DESSA CULTURA, CAÇAVA, PESCAVA E ETC. HOJE ME SINTO BEM MELHOR SABENDO UM POUCO MAIS SOBRE A HISTÓRIA DA MINHA FAMÍLIA, MINHA HISTÓRIA.”





“MINHA TIA É
MACUMBEIRA, ATÉ
HOJE NÃO ENTENDO
PORQUE EU TINHA QUE
TER MEDO DELA. JÁ VI
ELA INCORPORADA E ME
ASSUSTEI NO COMEÇO,
MAS LOGO DEPOIS FUI ME
ACOSTUMANDO. MAS
NÃO TIVE MEDO, SEMPRE
CONFIEI NELA PELO FATO
DE SER MINHA TIA.”

“MINHA VÓ ERA MACUMBEIRA...

... a minha também!

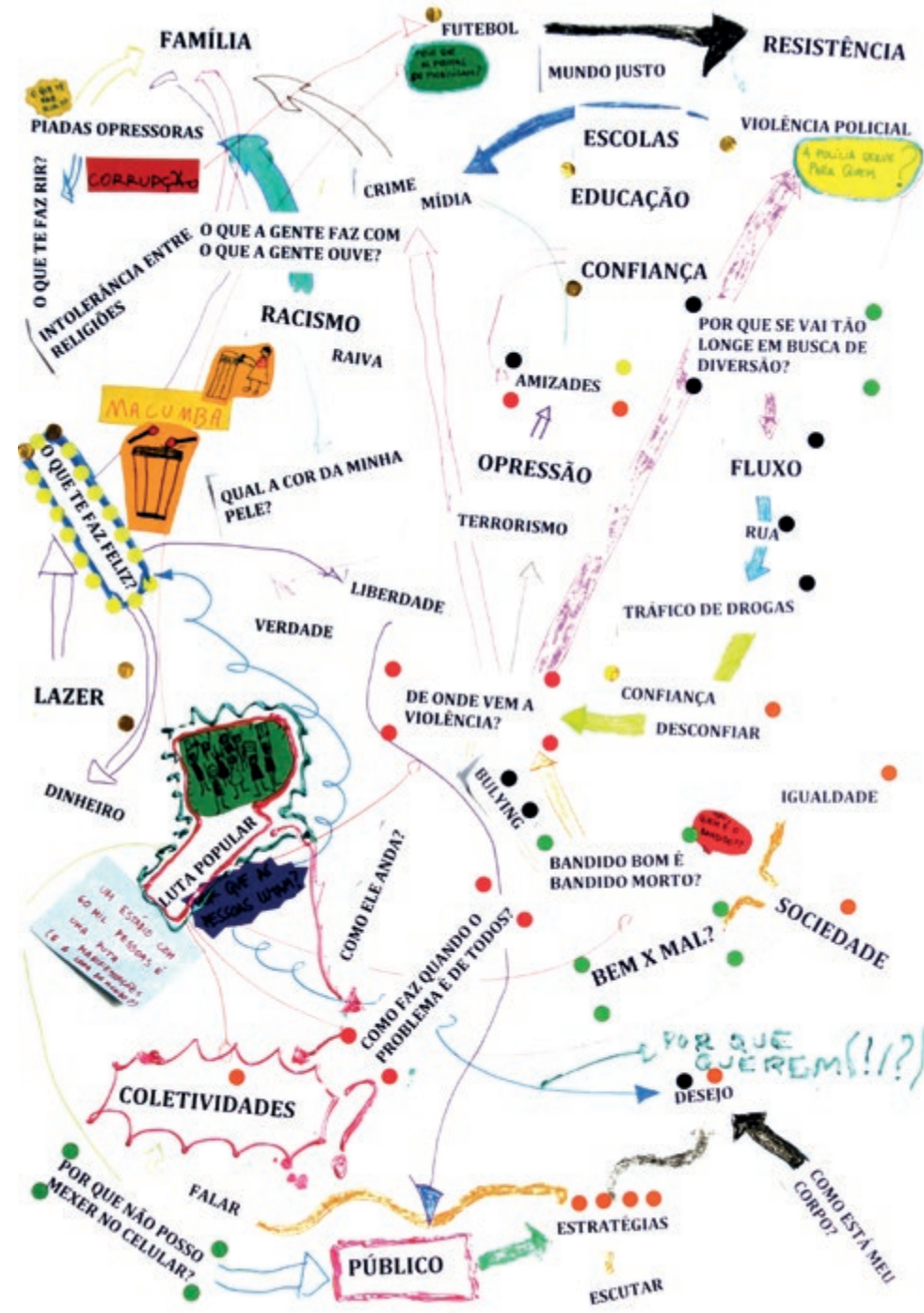
... a minha também!

... a minha também!

... a minha também!

... a minha também!

CONFIAR É RESISTIR



"VOU NA IGREJA PORQUE
ACHO QUE ISSO ME FAZ BEM"

"NÃO TEM MUITOS LUGARES EM QUE
PODEMOS FALAR SOBRE ESSAS VIOLÊNCIAS.
NA FAMÍLIA, NA ESCOLA, É MEIO PROIBIDO"

"VENHO PRO CURSO PORQUE
ACREDITO QUE POSSO TER
MELHORES OPORTUNIDADES"

"JOGO FUTEBOL PRA
TÁ COM OS AMIGOS"

"AQUI EU APRENDO SOBRE OS MEUS DIREITOS,
E ISSO ME AJUDA A NÃO SER DESRESPEITADO"

O que a gente faz com o que a gente escuta?

“SABE OS BAGUNCEIROS, QUE NUNCA
IAM NA AULA? MEU, ELES TÃO LÁ COM
A GENTE. AGORA ELES NÃO SAEM DA
ESCOLA, PARTICIPAM DAS DISCUSSÕES,
ARRUMAM A ESCOLA COM A GENTE.
TUDO É DECIDIDO EM ASSEMBLEIA.”

PRIMEIRA VEZ NA PAULISTA

“Vou contar uma historia muito inusitada. Eu estava no curso tendo aula de uma educadora, quando ela fala que iria ter um ato na AV. Paulista. Como eu nunca tinha ido na paulista, fiquei doida pra ir. Arrumei um jeito de ligar pra minha mãe, e por incrível que pareça ela deixou eu ir, fiquei muito feliz e ansiosa pra chegar lá. Chegando lá, achei super incrível, muito diferente do que eu imaginava. Passando um tempo encontro um cara com a blusa do meu curso. Eu estava com uma amiga da minha professora. Eu e ela fomos perguntar pra ele de onde ele conhecia esse lugar. Ele disse que tinha achado dentro do guarda roupa e achou bonita e a usou, aí eu pensei: “nossa esse cara deve ser muito legal, ele não sabia nem onde tinha pegado aquela blusa”. Depois andamos um pouco e chegamos numa praça que eu não conhecia, tinha acabado o ato e tudo tinha ocorrido bem, sem vandalismo. Fomos num mercado e compramos algumas coisas, depois minha professora me levou até o metrô e me explicou o caminho de volta, porque ela não poderia voltar comigo. Consegui chegar em casa bem e comecei a contar pra minha mãe toda feliz.”

JÉSSICA, 16 ANOS



Cisgênero
Alguém que se identifica com o gênero biológico no nascimento.

Heteronormativo
Comportamento de acordo com os padrões da sociedade dentro de um determinado gênero. (homem masculino/ mulher feminina)

"O embranquecimento da história é algo recorrente em nossa sociedade racista, que vê o branco como uma imagem mais refinada e comercial. A transfobia também é uma forma de racismo. Só no ano de 2015 já matou mais de 30 mulheres nos Estados Unidos, e no Brasil, o país que mais mata travestis e transexuais no mundo, a média é de mais de 100 mortes por ano. As representações de travestis e transexuais na mídia são rasas, quase inexistentes, e quando é dada a chance dessa representação, a mídia prefere continuar alterando a história.

Num país onde há pouco estudo sobre esses temas essa é a história que fica, a história branca, a história cisgênero, a história masculina, a história que marginaliza, a história falsa."

PAULO, 17 ANOS



Gênero biológico
Gênero designado no nascimento

Embranquecimento
Ato de transformar personagens negros em brancos para um "refinamento" da história.

Transexual
Alguém que se identifica com o gênero oposto ao designado no nascimento.

Transgênero
A pessoa que se identifica como qualquer coisa que não seja o gênero designado no nascimento.

SHARLENE, 18 ANOS

RACISMO NA TV



"Na mídia podemos reparar a presença do racismo em todas suas ramificações. No cinema, por exemplo, temos Cleópatra sendo protagonizada por uma atriz branca (*Cleópatra*, 1963), sendo que na história real ela foi uma mulher negra. Temos ativistas negras que deram início ao movimento LGBT como conhecemos hoje sendo colocadas como figurantes (*Stonewall*, 2015), mulheres negras sendo apagadas da luta pelo direito do voto no Reino Unido (*As Sufragistas*, 2015) e por aí vai. Na televisão temos o exemplo da novela *I Love Paraisópolis* (2015) que é ambientada na periferia e no meio de seus mais de 50 atores, contava com a presença de apenas seis negros.

Nas premiações de televisão e cinema quase não contamos com a presença de negros, pois os mesmos não recebem oportunidades para papéis. No *EMMY Awards* 2015,

premiação da televisão americana, a atriz Viola Davis, em meio a lágrimas, fez seu discurso depois de receber o prêmio de melhor atriz protagonista pela série *How To Get Away With Murder* (2014) (Vale lembrar que foi a primeira atriz negra a alcançar o feito nos 67 anos da premiação!). 'A única coisa que separa as mulheres negras de qualquer outra pessoa é oportunidade. Você não pode ganhar um *Emmy* por papéis que simplesmente não existem.' A atriz Viola Davis, depois de citar nomes de algumas atrizes e produtoras negras, completou: 'Obrigada a estas mulheres que ajudaram a redefinir o que significa ser bonito, ser sexy, ser uma mulher protagonista, ser negra.'

PAULO, 17 ANOS

OPINIÃO SOBRE O RACISMO

"Olá!

O racismo é um preconceito que algumas pessoas tomam para si perante a raça, cor, credo, religião, enfim... diversas coisas ou opiniões de outras pessoas que não vão ao encontro dos mesmos gostos dessas pessoas.

Acho que o racismo nada mais é que ignorância e falta de diversidade cultural por parte das pessoas. Se cada um pensasse em nível global, e respeitasse a opinião do outro, com certeza teríamos um mundo melhor e com menos racismo... digo menos, porque sempre haverá algum tipo de discórdia, nem que seja mínima."

THALITTA, 15 ANOS

RELATO DE EXPERIÊNCIA NO HOSPITAL

"Eu tive uma experiência no hospital, quando eu fiquei internada 12 dias. Nos primeiros dias eu fiquei internada na UPA24h, foi como se eu estivesse num spa, foi maravilhoso eu fui tratada muito bem, isso um dia antes do meu aniversário de 15 anos, no outro dia fui transferida para o Hospital Campo Limpo, foi horrível, passei mó perrengue. Fiquei 3h pra ser atendida pela médica para ser internada novamente, com muita dor. Depois que eu passei na médica ela me internou e me colocou na maca numa sala de atendimento num corredorzinho bem apertado, tomando soro. Depois de 5h eles me colocaram numa sala grande com vários outros pacientes ao meu lado, tinha uma senhora que gritava de dor (ela tinha quebrado o fêmur) e ela não tinha nenhum parente pra acompanhá-la. Acabei ficando uma noite lá, depois eles me levaram pros quartos lá de cima, ai sim comecei a ser tratada bem novamente. Como eu disse, voltei a ter uma 'vida de spa'."

JÉSSICA, 16 ANOS

CARTOGRAFIAS DA MEMÓRIA



Mapas dos bairros individuais que viram mapas coletivos. Mapas de problemas, mapas de caminhos de soluções. Mapas de histórias e origens. Mapas de grupos e resistências.

Experiência de viver encontros com grupos para falar de coisas difíceis. Experiência de não saber o que fazer com essas coisas difíceis. E essa é uma questão nossa ou uma questão do grupo? E o grupo, são eles ou nós todos? O que fazer com o presenciar o colega de sala levar quatro tiros da polícia? Com a vizinha ser estuprada? Com o tio ser assassinado? Com o assassinato da juventude pobre e negra na periferia?

“Um lugar para a gente falar do que a gente vive” diz um dos 128 jovens com os quais estivemos ao longo destes meses, todos vinculados a uma das três instituições participantes: Projeto Arrastão, CIEJA – Campo Limpo e Centro de Juventude Ranieri. As páginas deste caderno buscam sistematizar nossos encontros e contar um pouco do que foi a experiência destes grupos, onde pudemos, através da confecção de mapas, conversar sobre suas vivências.

Iniciávamos os encontros com um aquecimento para destapar os ouvidos, relaxar a boca, encontrar os olhos, despertar os braços, pernas, tronco, sacudir o corpo todo para estarmos atentos e ali e presentes. Com folha sulfite, lápis de cor, canetinhas e giz de cera, os jovens começavam a desenhar os mapas. Partiam do desenho de suas casas e eram convidados a pensar nos lugares que costumam ir no dia a dia ou quando saem, enfim, os lugares em que eles passam e vão. Depois de um tempo, quando surgiam ruas, praças, delegacias, hospitais, lojas, casas de amigos, terminais de ônibus, escolas, pedíamos que escolhessem cores para marcar os lugares que achavam bons, que gostavam de ir, de passar e os que não gostavam. Terminada essa etapa, pedíamos aos jovens que registrassem no verso do mapa três acontecimentos que tivessem marcado a sua vida ou a vida do bairro. Fazíamos, então, uma linha do tempo, um mapa da história daquele grupo no bairro.

Depois, em grupos menores, compartilhavam seus mapas individuais, encontrando lugares comuns a todos eles. Partindo destes lugares, acrescentavam as escolas, os rolês, os vizinhos, as biqueiras, o tráfico, os fluxos, os lugares e as situações de violência, a polícia, os espaços públicos e privados, falavam sobre suas experiências singulares no

território, e como tudo isso fazia parte da vida do grupo. Terminados os mapas coletivos, sentávamos em roda para conversar sobre o que tinham sentido e pensado fazendo a atividade; e como continuaríamos a conversar sobre tudo isso.

Os encontros foram se repetindo e assim, foi-se construindo um lugar onde podíamos conversar, brincar, questionar pontos de vistas, falar sobre temas difíceis e delicados. A observação coletiva sobre os mapas feitos pelo grupo disparava reflexões a respeito de como cada um pensava os problemas e situações que vivia no bairro: da violência das abordagens policiais aos efeitos do tráfico na região. De maus atendimentos em UBS ou hospitais, da sensação de serem negligenciados e expulsos da escola, especialmente se estudam à noite. Do que rolava nas pracinhas, nos shoppings, nos “fluxos” e nos “sociais”. Os problemas emergiam, assim como os pontos de resistência eram reconhecidos, cada um a seu modo: professores que promovem o diálogo na sala de aula, o enfrentamento a condições de trabalho pouco dignas, as festas de bairro onde a comunidade se encontra, o impacto da construção de um centro cultural ou de uma estação de metrô no bairro, o wi-fi da praça, a morte por velhice.

Fomos descobrindo que contar a própria história é uma forma de resistir, e daí cartografar, não mais o bairro e o território, mas os traços e a história de cada um. Cartografia das Origens: cada jovem foi convidado a tatear seu corpo e pensar como são os formatos dos olhos, nariz, sobrancelhas, cabelo e outras partes, para em seguida desenhar a si mesmo numa folha sulfite. Perguntávamos, então, de quem achavam que tinham herdado este ou aquele traço, essa ou aquela característica, dos jeitos de ser e agir, e fazíamos uma árvore genealógica, um mapa da história do corpo de cada um. As ligações podiam vir da mãe, do pai, da tia, da avó, do padrasto, da pessoa que criou, enfim. Buscando escutar as narrativas singulares, conversávamos sobre como os jovens e seus familiares tinham chegado ali e de onde vieram. Surgiam questões que atravessavam essas histórias e corpos: o racismo, as violências contra as mulheres, contra os nordestinos, os pobres, as religiões de matriz africana, o esquecimento das origens indígenas. Como cada um acabava, muitas vezes, deslegitimando e “zoando” os traços do outro, reproduzindo violências sem muitas vezes saber o porquê, ou simplesmente para poder proteger a sua identidade. Falávamos sobre como a identidade de cada um estava sempre ligada às histórias e aos corpos dos outros, sejam os familiares, os amigos, ou mesmo as pessoas que não gostamos ou com quem não nos identificamos.

Ufa! Depois de tanta discussão pudemos descobrir também que cada grupo tem suas características próprias e seu funcionamento, e pudemos, então, acompanhar os rumos que cada um tomou para si, a partir dos afetos e mobilizações desencadeadas por toda essa conversa.

Em alguns dos lugares, vimos surgir grupos de fala e escuta que semanalmente se encontravam para conversar e discutir as experiências singulares e coletivas no território. Quando chegou o final do ano, como atividade de encerramento, esses grupos confeccionaram mapas de palavras sobre tudo que havíamos problematizado - como as palavras se ligam e nos ligavam afetivamente a tudo que tínhamos vivido.

Houve grupos também que deram sequência às discussões, mais do que com palavras, com os corpos. Corpos implicados na construção de cenas teatrais que permitiam entrar em contato e problematizar, de forma muito encarnada, as temáticas todas que surgiam durante o processo.

Assim, acompanhando a singularidade de cada grupo, pudemos debater, sempre abrindo novas questões. Quando é que uma violência vivida individualmente passa a ser um problema de todos? Ao facilitar o diálogo e o compartilhar das experiências, os questionamentos sem resposta ressoavam até a semana seguinte, quando os jovens retornavam à atividade sem que houvesse a obrigatoriedade de participar. A implicação de cada um no questionamento sobre aquilo que determina sua história era o que parecia promover seu retorno.

No decorrer destes múltiplos processos, na memória dos encontros, nos deslocamentos pela cidade e nas longas conversas de equipe, buscamos refletir as linhas comuns também entre os diferentes territórios.

Caminhamos entre histórias que a todo momento se cruzavam entre semelhanças e diferenças e vimos e a importância de estarmos atentos às condições para sustentar a possibilidade de que múltiplas histórias fossem contadas e recordadas. Se somos nossa história, permitir sua expressão é caminhar no sentido de sustentarmos socialmente as diferentes possibilidades de ser. E assim, construir ou fortalecer laços que sustentem diferentes pontos de vista, afetações, opiniões, multiplicidade essa que é própria da condição humana.

O laço da confiança pareceu tecer essa compreensão para nós, o ato de confiar como uma possibilidade de resistência frente os inúmeros atravessamentos sociais que se enfrenta nas margens, entre as margens. Neste sentido, mais do que pensarmos em novas formas de resistir à violência que se repete ao longo da história e da vida cotidiana, juntos reconhecíamos onde esses jovens já resistem. Onde a violência já não é mais naturalizada ou compreendida como um destino certo para quem nasce na periferia.



AGRADECIMENTOS

Esse trabalho não teria sido possível sem o apoio de parceiros nos territórios abrangidos pelo Projeto, alguns dos quais ofereceram o seu tempo e espaço para realizarmos as oficinas de cartografias com os jovens ali vinculados. Ao seu modo, cada instituição acolheu a proposta do Projeto, apoiando as iniciativas que surgiram ao longo dos processos entre os jovens. A luta histórica que pudemos conhecer de cada instituição envolvida, através dos relatos dos jovens e da conversa com os profissionais, tem expressão no trabalho realizado por estas e na confiança que os jovens tem com esses espaços em suas vidas. Gostaríamos de agradecer também ao Comitê Juventude e Resistência, por confiar em nosso trabalho e apoiar desde o início nossas ações.

Agradecemos a todos os jovens que conhecemos e trouxeram seus afetos, de diversas maneiras, aos encontros. Aos nossos colegas do coletivo Margens Clínicas, em especial a Pedro Ambra, por nos ajudar na elaboração dessa publicação. A nossa supervisora de equipe Sandra Berta. A nossa colega artista Anita Prades, pela produção gráfica deste caderno. A todos aqueles que de algum modo cruzaram os caminhos desse trabalho, e assim, também são parte do que aqui se mostra.



Apoio

